

LOBO, Pelágio. Carlos Gomes: uma carta preciosa que esclarece circunstâncias ignoradas de sua vida. Correio Paulistano, São Paulo, 18 set: 1949.

CARLOS GOMES

UMA CARTA PRECIOSA QUE ESCLARECE CIRCUNSTANCIAS
IGNORADAS DE SUA VIDA

Correio Paulistano
18.9.49

PELAGIO LOBO,

CAMPINAS se engalana, no dia de hoje, para celebrar o nome e a gloria de Carlos Gomes, encerrando uma semana inteira de evocações a que se associaram autoridades municipais e gremios de cultura, com o apoio do governo do Estado.

No dia 16, sexta-feira ultima, comemorou-se o 53.º aniversario de sua morte, com uma missa cantada solemníssima na catedral da sua diocese, Igreja matriz da Conceição e sessão solene, à noite, promovidas ambas — a missa e a sessão — pelo Conservatorio Musical que tem o seu nome. Muito lamentei não poder estar presente a esses atos e ceremonias. Lá irei, porém hoje, levar minha modesta contribuição à outra cerimonia que vai ser celebrada aos pés da estatua do maestro, erigida numa das extremidades da praça Bento Quirino, exatamente no quadrilatero em que existiu a antiga Cadeia Publica e onde funcionou, em tempos recuados, o Fórum da comarca.

Essa outra cerimonia, pelos preparativos do seu programa, deve alcançar exito brilhante, pois conta com a colaboração da Banda Filarmônica da Força Publica do Estado, com grande efeito que ali, em céu aberto, executará a sinfonia de abertura do "Guarani", a "Alvorada" do 3.º ato do "Escravo" precedidos do Hino Nacional e outras peças de reforço.

16 de setembro de 1896 foi o dia de sua morte, em Belem do Pará; 18 de setembro de 1903 foi o dia da colocação da pedra fundamental do monumento ali erigido, da autoria de Rodolfo Bernardelli, em cerimonia das mais solenes a que emprestou extraordinario realce a presença de Santos Dumont. A transladação dos despojos mortais do grande maestro campineiro foi realizada em 9 de junho de 1904, da antiga Capela dos Ferreiras, no Cemiterio do Fundão, hoje Cemiterio da Saudade, para a cripta aberta na base do monumento. E a inauguração deste a 2 de julho de 1905, com festejos de estrondo, e a presença do dr. Jorge Tibiriça, então presidente do Estado.

Nas três ceremonias fez-se ouvir o orador official da comissão do monumento Cesar Bierrenback, em orações que comunicaram emoção intensíssima à massa que circundava o local: o verbo do grande tribuno poucas vezes se elevava com tantos arroubos e tão opulentas series de imagens arrebatadas.

Lembro-me bem dessas festas, porque em todas elas tomei parte, entrando na representação de comissões do antigo Ginásio do Estado, que agora voltou ao nome primitivo de "Colégio Culto à Ciencia". Foram dias inesquecíveis para os que nelas tomaram parte, sobretudo para os meninos e rapazes que faziam o curso naquelle estabelecimento de ensino secundario, e tiveram naqueles dias o ensejo de entrar na massa agitada e trepidante e deixar-se embalar pela voz e pelas imagens e trópos oratorios do tribuno torrencial que era seu lente de Historia Universal.

Estamos assistindo ao reinicio de comemorações festivas em que o nome, os talentos e a gloria daquele artista genial, presa de veemencias intercaladas de desanimos, é celebrado em ceremonias publicas, como outros grandes vultos e figuras brasileiras

que, aos poucos, se convertem em nubes tutelares da nacionalidade, nesta fase de angustias que vamos vivendo. O nome de Carlos Gomes, cujo centenario se passou em 1896 confundido-se e casa-se com os de vultos grandes do nosso passado, para nos dar o consolo de alguma grandeza nesta encruzilhada em que nos acovelamos e debatemos com tanto pessimismo e tanto amargor.

Não vou, neste reduzido escrito, estender-me sobre a figura do "bugre de Campinas", como a si mesmo se apelidava aquele artista de tão assinalados meritos e tão desigual e contraditorio temperamento. Vou, porém, trazer para conhecimento dos que se interessam por essa vida sempre agitada, uma pequena contribuição colhida em carta que até agora era completamente desconhecida.

Em rodapé que escrevi para o "Correio Paulistano" de 17 de agosto de 1947, ao retracar a figura sugestiva do grande boêmio e grande jornalista que foi Americo de Campos (Americo Brasílio de Campos), relatei episodios da vida desse artista e amigos de artistas, em intima ligação com a vida de Carlos Gomes. Tinha sido proclamada a Republica, e Carlos Gomes estava em Campinas.

Ele, o protegido do Imperador, afeiçoado à familia imperial, trazendo desde menino, na sua tão complexa personalidade, o culto da amizade e da gratidão aos que o houvessem amparado, tomou-se de compaixão pelo imperante que a ser e foi logo exilado. Como era do seu feitio sincero e impetuoso, manifestou-se logo com expressões de amizade lastimosa — e essas expansões foram logo exageradas e envenenadas em topicos de jornais, e mesmo por gente que, até a antevespera do 15 de novembro, fazia praça de sentimentos ou crenças monarchicas das mais arraigadas. Abriu-se uma campanha contra o "monarquismo" de Carlos Gomes e isso poderia refletir-se logo na decisão do governo de manter, ou cortar, a subvenção que o Imperador lhe prometera para sua manutenção na Europa. Foram os amigos fieis do maestro — Americo de Campos e Francisco Glicerio — que o tomaram sob sua protecção, resistindo às exigências dos correligionarios vermelhos mais assanhados. Em carta de mão comum, que Americo e Carlos Gomes escreveram do Rio, em 9 de dezembro de 89 a Glicerio lê-se este trecho final: — "...Glicerio deve ver se faz calar a tanta discussão que a tal proposito se levanta na imprensa de Campinas e de S. Paulo".

Não devemos hoje estranhar que, logo após a proclamação, se acendessem aqueles fervores partidarios contra o maestro que, já tendo honrado a patria e elevado tanto seu nome e seus creditos, apenas sabia proclamar, com dignidade, sua afeição ao Imperador decaído, pelo que deste recebera em sua carreira artistica. Nem convém hoje apurar quais os orientadores desses ataques porque muitos deles vieram depois a proclamar-se também protectores do maestro e sinceros pregadores do seu genio contra os invejosos.

O que, naquela ocasião, se verificou é que, do grupo republicano, foram os amigos do maestro que com ele haviam convivido ou estreitado relações em Campinas, os que souberam acudir-lhe na hora daquela "ressaca enlameada"

e, mais que todos, Francisco Glicerio. Tenho no copilador de cartas de meu pai as copias de duas cartas dirigidas a Glicerio, uma das quais transmitindo o apêlo dos amigos campineiros de Gomes para que, não só obtivesse do Governo Provisorio a manutenção da pensão anterior de 300\$000 mensais como, até, a elevasse, dado que o maestro, empobrecido por uma serie de fracassos da temporada lirica e de gastos forçados, só contava com aquela parcela

modestissima para manter a familia, reduzida então à mulher e aos dois filhos, Carletto e Italia.

Mas os amigos de cá acudiram a tempo e ele pôde regressar à Italia e esconder, entre os amigos de lá todas aquelas amarguras.

Houve, porém, dificuldades e demoras na remessa da pensão nos primeiros meses de 1890. Glicerio estava no governo, à testa do Ministerio da Agricultura, Comercio e Obras Publicas; Campos Sales à testa da da Justiça, Quintino na do Exterior e Aristides Lobo na do Interior. E, apesar das substituições subseqüentes, continuaram Quintino e Aristides a ter voz alta nos concilios do Ministerio. A carta é valiosa porque, escrita, como se percebe, em momentos de exaltação e de angustias do maestro; e mais valiosa ainda porque traz as anotações a lapis e a tinta dos punhos de Glicerio e Aristides, atestando a atenção dispensada ao apêlo e a urgencia com que foi o mesmo atendido, não obstante ser o periodo de enormes trabalhos dos homens de governo, na elaboração das leis que refundiram tantos institutos e serviços publicos na nascente Republica. Traz a carta, não obstante a intimidade de relações entre Gomes e Francisco Glicerio um tratamento que começa com forma cerimoniosa e termina com um desafio irreprimível:

"Milão, 6 de abril — 1890.

Exm.º Sr. F. Glycerio.

Digno Ministro da Agricultura.

Meu Ilustre conterraneo!

"Um recado indirecto de Campinas me

aconselha requerer ao cidadão Marechal Deodoro sobre a pensão que espero.

Não requeiro ao Chefe do Estado porque o tempo limitadissimo não me dá logar p.a. esperar aqui uma resposta, sendo eu obrigado a abandonar a Italia d'aqui a cerca de 40 dias.

Espero ainda, porém, no patriotismo e na estima que me demonstraram os meus Ilustres conterraneos F. Glycerio e Campos Salles.

Confio que, em nome da Arte, em nome do Povo de Campinas, em nome dos serviços por mim prestados à Patria no estrangeiro, possa merecer a consideração do patriota a quem dirijo esta carta, a Francisco Glycerio.

Concluo: — a 15 de Maio serei obrigado a me embarcar em Genova p.a. Santos e de lá p.a. Campinas. Partirei da Italia como um immigrante, quasi como quem commetteo um delicto que mereça punição... — E quando eu e meus pobres filhos chegarmos até Campinas o que faremos?

Francisco Glycerio, é em nome de meus filhos q. eu lhe peço; proteja-nos; proteja um artista brasileiro, — não o mate com a indiferença.

Acredite que não se ha de arrepender dos beneficios que nos fizêr hoje. Para me tirar da incerteza terrível, peço-lhe o seguinte, isto é um telegrama com tres palavras:

Gomes Milão

Sim

(ou por outra:

Gomes Milão

Não.

Conforme o telegrama, que espero até o dia 14 de Maio) (até 14 de Maio) ficarei ou partirei de Milão para Genova de lá para Santos e Campinas.

Adeus, seja feliz e creia na sinceridade do

Seu Patrio conterraneo amigo
A. CARLOS GOMES".

As linhas do laconissimo telegrama sugerido — “Gomes — Milano — Sim e Gomes — Milano — Não” — estão escritas a tinta vermelha, de um vermelho rubro que, apesar destes 59 anos, ainda está bem vivo. As providencias foram imediatas. A um despacho do punho de Glicerio — “Conferencia — 2-5-90” e sua assinatura acompanha um recado, a lapis azul, do punho de Aristides Lobo, embora sem assinatura nem rubrica: “Julgo que devendo partir a 14 deste de Milão a carta vai mto. tarde e talvez será melhor esperar a vinda dele”.

Mas Glicerio não se rendeu à suggestão e, certamente, insistiu junto aos colegas de Ministerio, encerrando-se o debate com a decisão:

“Passe, deps. de ler esta carta, o seguinte telegrama: Não.

“Responda esta carta justificando me com interesse — carta longa.

12 — 5 — 90”.

E ao alto da primeira folha vem a resposta, tambem a lapis:

“Passei o telegr.
Rio 12-5-90. A. Lobo”.

Com isso ficou encerrado o caso: Carlos Gomes permaneceu na Italia, a pensão, embora atrasada lhe foi remetida e o amparo do governo federal só lhe faltou mais tarde, quando os amigos de Campinas, principalmente Francisco Glicerio já não mais faziam parte do governo. Só em 1896, após tramites regimentais demorados que São Paulo se decidiu acudir a Carlos Gomes, já doente, com a morte a se lhe avizinhar, chumbado ao leito, em Belém do Pará.

A pensão, votada com dispensa de prazos e em proposta que levava a assinatura de quase toda a Camara dos Deputados — não chegou a amparar o Maestro. Este apenas se confortou ao saber que os legisladores paulistas haviam manifestado unanime acordo em ampara-lo naquele transe extremo. O artista de carater arrebatado, com exaltações e crises de desanimo, umas horas impetuoso e ardente, logo após choroso e deprimido, teve amigos, protetores e admiradores entusiastas da sua obra e do seu feitiço vulcanico, quer na Monarquia, quer na Republica. Mas na crise aguda de 1890 foram alguns poucos republicanos que, vencendo a corrente e a atoarda apaixonada que se levantava, os que lhe acudiram, com a possivel presteza e com exuberancias de carinho que, para ele, arrebatado e amoroso, valeram mais do que o proprio socorro financeiro.